

ENTREVISTA A LÚCIO MUSTAFÁ SOBRE O PANAMORISMO¹

(continuação)

Lúcio Valério Mustafá²

Resumo

No primeiro número dos Cadernos GEPE, começamos esta entrevista com Lúcio Mustafá, o criador do Panamorismo, nosso diretor para assuntos linguísticos. Agora damos mais esta continuidade àquela que deve ir aos poucos se constituindo como a apresentação do Panamorismo mesmo, pois queremos oferecer ao leitor a oportunidade de, aos poucos, continuar tomando mais consciência da essência desta proposta e permitir que a mesma tenha este espaço acadêmico de visibilidade, no qual pretendemos que, mais e mais conteúdos Panamoristas possam estar presentes. Trata-se da apresentação de um pensamento crítico e, no que diz respeito a vários temas, radicalmente crítico, que, porém vem a público se colocar numa atitude aberta a também receber muitas críticas, pois faz parte da essência do Panamorismo considerar que, quanto mais críticas uma filosofia for capaz de enfrentar, mais ela possui a chance de se otimizar e mais completa e fortalecida ela se torna. No espírito dos Cadernos GEPE, todos os textos neles publicados serão, nos momentos propícios, alvo de debates, para os quais, leitores e articulistas estão, desde sempre, convidados. Dito isso, boa leitura da entrevista!

Palavras-chave: panamorismo, nova filosofia, crítica radical

Abstract

In the first number of *Cadernos GEPE*, we begin this interview with Lúcio Mustafá, the creator of Panamorismo (*Panlovism*), our director for linguistic matters. Now we give this further continuity to what should gradually become the presentation of Panamorismo itself, as we want to offer the reader the opportunity to, little by little, continue to become more aware of the essence of this proposal and allow it to have this academic space of visibility, in which we intend that more and more *Panamorists* content can be present. It is the presentation of critical thinking and, with regard to various themes, radically critical, which, however, comes out in public with an attitude open to also receiving a lot of criticism, as it is part of the essence of Panamorism to consider that, as far as the more criticism a philosophy is able to face, the more it has the chance to optimize itself and the more complete and strengthened it becomes. In the spirit of *Cadernos GEPE*, all texts published in them will, at appropriate times, be the subject of debates, to which readers and writers are always invited. That said, enjoy reading the interview!

¹ Entrevista feita pela equipe dos Cadernos GEPE, mais precisamente pela sua coordenadora Alexandra Mustafá.

² Artista, Filósofo criador do Panamorismo, Bacharel em Letras Clássicas e Cristãs pela Pontifícia Università Salesiana di Roma-Itália, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco –UFPE. ORCID –0000-0002-3755-7297. Email: panamorismochannel@gmail.com.

Keywords: panamorism, new philosophy, radical criticism

1. Lúcio, eu gostaria que você nos lembrasse os fundamentos da filosofia Panamorista criada por você.

O Panamorismo, como o próprio nome revela, quer ser a filosofia do amor total: ele traz no nome essa composição do prefixo *Pan*, que representa *tudo* e da palavra *Amor* que é uma palavra das mais doces que existem em qualquer língua.

O fundamento do Panamorismo e a sua novidade residem na proposta desse ser englobante dele, dessa *Pan* situacionalidade dele: essa elaboração filosófica que lança um olhar amoroso para as pessoas; para a vida; para todas as coisas. A partir daí, se compreende a ideia básica dessa filosofia.

Agora nos concentremos na razão acadêmica pela qual eu fui levado a criar uma nova filosofia: eu percebi, durante anos de estudos da História da Filosofia, que nenhuma daquelas outras filosofias existentes concebe a atitude do amor geral como sendo um eixo categórico *sine qua non* para sua sustentação como proposta para a humanidade: cada uma delas, embora possa indicar um sub conjunto de coisas a serem aprovadas como boas (isto é: amadas) sempre inclui, num determinado momento da sua auto explicação, um aspecto de desamor naquele conteúdo. Eu poderia fazer aqui uma lista indicando a “desamorosidade” presente, explícita, ou implicitamente, em cada uma das filosofias anteriores, de Tales de Mileto até os pós-modernistas, mas vou deixar isso para um artigo que estou para escrever nos próximos dias.

Percebendo tal generalização da atitude anti-amorosa, foi aí que concluí que uma filosofia 100% amorosa, além de ser muito necessária como existência, também seria algo inédito. Muitas vezes se diz que tudo já foi dito e que o que resta agora seria redizer, com outras palavras, aquilo que já teria sido dito, mas nesse caso a filosofia panamorista se mostrou inusitada e isso me animou a estruturá-la e a apresentá-la diante de todas as pessoas.

Percebamos ainda que é muito comum que todas as filosofias às vezes entrem em disputa umas contra as outras e não é uma disputa no sentido de se aprender e de se retificar os erros que possam ser ressaltados a partir desses embates, ao contrário, são disputas nas quais os protagonistas de cada lado se esforçam por desmerecer os fundamentos da filosofia que atacam, desejando mesmo que elas deixem de existir, ou

seja: as odiando. A concorrência, nesse sentido, que vem praticada entre as elaborações no campo da filosofia, em geral, é uma concorrência 100% desamorosa.

Seria necessário, portanto, que a filosofia, em geral, enquanto amor pela sabedoria, e as específicas elaborações filosóficas (plurais) amassem a crítica: amassem ser criticadas pois o que deve interessar a quem ama o saber é não estagnar no não saber e nisso termina que podemos concluir, até mesmo, que tais filosofias nem amam a si mesmas, pois não querem, com sinceridade, se melhorarem. Preferem estarem erradas afirmando que estão certas, pois acontece que a instituição social que elas fizeram delas mesmas equivale à manutenção de uma parcela de poder socioeconômico; de *status* e isso faz com que os seus intelectuais nem se disponham a pensar consigo mesmos se possam estar certos ou errados: eles creem que precisam estar certos a todo custo. E isso também gera uma desamorosidade intra intelectual gravíssima, pois o inconsciente deles não pode não perceber que algo está muito errado no modo como eles estão gerenciando as próprias ideias e isso só pode significar que algo não vai bem. A partir de então a desamorosidade passa a existir como uma guerra interior dentro deles e isso não é nada bom. Em outras palavras, eu criei o Panamorismo, em grande parte, por amor a eles também, na esperança que eles percebam que não convém fazer uma coisa dessas com eles mesmos.

2. Qual a diferença fundamental entre a sua filosofia e as filosofias chamadas contemporâneas?

Para responder a esta pergunta, comecemos a fazer uma consideração etimológica fundamental: por compreender que, enquanto o Panamorismo é uma filosofia nova que se apresenta, ela pretende ser diante da humanidade (seja a humanidade atual; seja aquela que está por vir, isto é: a humanidade do futuro), algo compreensível; algo que possa ser comunicado através de uma mensagem clara e apreensível pelos humanos em geral, pois quero que eles sejam capazes de assimilá-la e fazê-la própria e não apenas terem notícia que uma tal proposta existiu, perdida no meio de outras mais, sem se distinguir excepcionalmente delas.

Diante disso, me dei conta que é necessário enfrentar a questão da linguagem, pois o que se quer dizer sobre algo, só será bem dito, se for bem compreendido por todos os que receberem aquela mensagem. E isso faz com que as palavras com as quais se apresenta uma nova filosofia precisem ser bem explicadas, em latim fala-se da *explicatio terminorum* (explicação dos termos). Então, tomemos a palavra *contemporâneo* e seus derivados, para analisar e percebermos como algumas elaborações teóricas, para não as

chamar de filosofias, terminaram por usar de modo equivocado, equivocante, aquela palavra, embora a instrumentalizem com uma grande centralidade a ser inserida nos manuais mais respeitados atualmente de História da Filosofia.

Então passou-se a indicar o período que estamos vivendo no presente como *período contemporâneo*, distinguindo-se do que teria sido o *período moderno*, mas aquele uso foi, no parecer do Panamorismo, no meu parecer, muito infeliz, embora ele tenha conseguido vigorar até hoje no mundo acadêmico com o *status* de autêntico uso. Mas enquanto nova filosofia, que quer falar coisas novas, o Panamorismo resgata termos e os recoloca na significação que percebe que é a mais adequada e mais verdadeira.

Pois bem, a palavra *contemporâneo*, por exemplo, é uma palavra que o Panamorismo recoloca num determinado significado distinguindo-o daquele que oficialmente se decidiu colocá-la, porque, num sentido mais correto, toda filosofia é contemporânea a si mesma. Explico: a filosofia antiga foi contemporânea aos antigos, a filosofia medieval o foi aos medievais, a filosofia do humanismo italiano foi contemporânea aos humanistas italianos, assim como a filosofia moderna o foi àqueles que hoje chamam de modernos. De repente denominaram a filosofia pós-moderna de filosofia contemporânea, ou seja, os filósofos contemporâneos passaram a ser contemporâneos de si mesmos: gerou-se uma ambiguidade tautológica em torno da palavra contemporâneo. Além disso, ao raptar a palavra contemporânea para si mesmos, como os fascistas de todos os países raptam as cores da bandeira nacional para si mesmos, os ditos contemporâneos, que melhor seriam denominados de pré-modernos, tentam, consciente ou inconscientemente, nos roubar um significado já pré-existente da palavra contemporâneo que nós (se fizermos questão de não deixar que empobrecam nosso vocabulário) não podemos abdicar, que é a significação etimológica da palavra mesma que diz que contemporâneo é tudo o que está acontecendo ao mesmo tempo no qual se encontra alguém. Então há uma falta de honestidade intelectual ao se roubar um significado de uma palavra do ponto de vista ético-linguístico: é algo ligado ao conceito da ética no discurso.

Além disso, a relação das ideias ditas hoje contemporâneas com aquilo que também hoje se chama pós-modernidade, está intrinsecamente ligada ao evento conhecido como o Fim da Guerra Fria, isto é: com a Queda do Muro de Berlim, quando se diz que o socialismo real teria sido derrotado pelo capitalismo que, em triunfo, decretara o modo de produção burguês o insuperável e definitivo, por ser o natural modo

de se viver da espécie humana. Claro que esse texto não passa de uma propaganda bem orquestrada que os intelectuais orgânicos do Capital estruturaram e com rios de dinheiro e publicações sustentam, por medo que a humanidade em peso perceba que um mundo muito melhor do que o capitalismo não só é possível, como também o atual avanço tecnológico permite que ele em pouco tempo seja instalado e colocado para funcionar otimizado.

Então não ficou difícil para que eu percebesse, pois é fácil para qualquer um que com sinceridade intelectual considere esses dados, que a contradição do uso da palavra contemporâneo, que vem sendo feito nos livros de História da Filosofia, nos dias atuais, é flagrante: se o Panamorismo quer se apresentar como numa filosofia definitiva que também no futuro seja validada como boa e otimizada pelos humanos do futuro, ela precisará ser contemporânea de si mesma em todas as épocas em que vigorar. Ela precisará ser contemporânea de si mesma no futuro e não se chamará filosofia contemporânea, mas se chamará Panamorismo sempre.

No mais, esses ditos filósofos que se propõem a ser os contemporâneos, quando se analisa os textos deles, se nota que eles não querem mais ser filósofos, pois não acham que a *sophia*, a sabedoria, mereça esse amor todo: eles se assumem sofistas, como um certo professor meu na UFPE, quando eu cursava filosofia lá, admitiu que todos os filósofos atuais seriam não filósofos, mas sofistas. Não vou citar o nome do sujeito aqui, para que ele não se entristeça comigo, mas eu lhe propus, na ocasião, que, diante daquilo, se mudasse o nome do curso para Curso de Sofística, ao que ele não achou uma boa ideia. Mas se um jovem presta o exame público para ingressar no Curso de Filosofia, é natural que ele encontre professores ensinando realmente filosofia e não a serem meros sofistas, que como se sabe, desde a antiguidade, os sofistas eram os enganadores e não os filósofos: os sofistas, como os contemporâneos não têm amor à sabedoria, ao contrário: eles pensam mal dela, embora se autodenominem sábios.

Chega a ser uma coisa absurda: filosofia contemporânea é uma filosofia que não quer ser Filosofia; é uma “filosofia” (entre aspas) que diz que a filosofia não existe: o que eles chamam hoje de filosofia é oportunismo. Claro que uma pessoa que se preze jamais assumiria um tipo de atitude como aquela.

É mister que se reconheça que de panamor, aquela atitude não tem nada: ela é um desamor para com o ser humano, que é caracterizado como um ser que, por natureza, é atraído pelo saber, como Aristóteles explica na abertura da sua *Metafísica*.

A esse ponto convém que focalizemos uma outra palavra que vem sofrendo há muito tempo um assédio semelhante àquele que as palavras *contemporâneo* e *filosofia* vêm sofrendo. Eu me refiro à palavra *razão*. Se consideramos que somos capazes de fala, de fazer contas, de fazer planos, de estudar, de reter na memória muitas informações e lembranças, de avaliar ações como éticas ou como anti-éticas, de escrever textos, de nos integrarmos em grupos e estudarmos juntos e chegarmos a conclusões sensatas etc., temos que concordar que como humanos somos caracterizados pelo uso da *razão* e saber se a razão, em nós, é algo natural ou social é também um tema que o Panamorismo vem desenvolvendo na sua teorização e que em breve pretendo lançar um ensaio explicando isso. Seja como for, quem tem bom senso não pode acreditar que esse monte de habilidades que possuímos a partir da nossa capacidade de usar a razão venha a ser algo essencialmente mal. Ao contrário: ninguém que bem raciocine irá querer ser um mal usuário da própria razão, ou seja, terá um amor pela razão: pela capacidade de praticar essa montanha de atos complexos que só nós como humanos somos capazes de praticar porque temos esse dom. Então no panamorismo a razão é muito amada, faz parte da lista das coisas que são amadas. Claro que tem quem use a própria razão para fazer o mal, mas essas pessoas realmente não são adeptas do panamorismo e nem amam a si mesmas, pois se elas parassem para pensar o que essa decisão de fazer o mal usando a razão provoca no inconsciente delas elas mudariam de atitude, pois com certeza aquilo provoca um problema grave na relação delas com elas mesmas, podendo até levar o inconsciente delas a acreditar que não seria nada de mais fazer o mal a si mesmas. E não só intelectualmente, mas também fisicamente, também gerando doenças, pois temos hoje os estudos de Pavlov que mostram como os condicionamentos podem levar ao um funcionamento A ou B de glândulas, ou seja: se partes físicas do organismo. Então se alguém insere dentro de si a ideia errônea de que fazer o mal com o uso da razão possa representar algo de bom, pode ser que aquilo leve o corpo a pensar que não seria, por exemplo, um mal fazer a pessoa desenvolver uma doença ruim, como uma célula começar a se comportar de modo patológico.

Por isso o Panamorismo aconselha a toda a humanidade amar a razão, o bom uso da razão e quando se lê as polêmicas sobre razão e irracionalismo que encham muita

bibliografia hoje em dia, se percebe que há quem até se diga discípulo do irracionalismo. E o Panamorismo se propõe a ser uma filosofia que apresente esses e outros dados para que se perceba que muito indicado é se amar sempre a razão e o seu bom uso.

A partir daí perceberíamos que a razão é dialógica. Até a palavra *léguei* que em grego significa *falar*, vai gerar a palavra, também em grego *logos*, que é a palavra relativa à razão, ou seja: a razão é caracterizada pela nossa capacidade de fala. Então a razão é essencialmente dialógica e a partir de amar essa faculdade que, ou temos naturalmente ou inventamos para nos ajudar a sobreviver no tempo diante das intempéries e diante dos perigos dos ataques dos animais selvagens, amaremos também dialogar com nossos semelhantes, para combinar coisas boas para fazer, para juntos fazermos a vida ser melhor, mais segura, para tantos e tantos usos benéficos e isso nos leva a amar os nossos semelhantes também. E como o ser humano é um ser *panlógico*, pois todos possuem a razão como uma sua capacidade marcante, todo ser humano tem essa potencialidade para ser também *panamoroso*.

E é aí que entra uma outra palavra muito importante para o Panamorismo e que é reconhecida desde Aristóteles como sendo uma palavra altamente filosófica, que é a palavra *felicidade*. Claro que a proposta básica e que não pode ser sensatamente rejeitada é que se instaure universalmente a busca da felicidade a partir de um acordo mundial entre os humanos de todas as gerações (as presentes e as futuras) para que: todos se amando possamos alcançar a felicidade.

Voltando à questão que o uso da palavra *contemporaneidade* trouxe aos estudos atuais em filosofia, percebemos que se trata de um ataque àquilo que vinha sendo chamado de *filosofia moderna*. A filosofia moderna, em geral, se propunha a ser a filosofia que finalmente tinha chegado à conclusão de que, com o uso da razão bem aplicado se conseguiria resolver todos os problemas humanos que fossem possíveis de ser solucionados, incluindo aí as curas das doenças, a capacidade de inventar sem danificar o meio ambiente e a capacidade de se fazer a vida em sociedade ser uma vida plenamente feliz para todos totalmente.

Mas a dita filosofia moderna, que foi inaugurada com o advento da ciência, no século XVII (Galileu, Descartes etc.), enfrentou o problema do antagonismo colocado contra ela por reis e pelas religiões, em especial a católica e a protestante. Tudo desembocou na Revolução Francesa que foi uma solução drástica que se pensou e que se

usou muita violência para tanto. Vieram à tona os Estados ditos modernos, vieram à tona os sistemas parlamentares e democráticos ditos modernos, mas não se erradicou os elementos do passado irracionalista anterior que seriam as religiões e as monarquias, nem as associações secretas que continuam ligadas emocionalmente e politicamente aos velhos interesses e continuaram cultivando no submundo das sociedades que se autoproclamam novas.

Ou seja: se denominou *tempos modernos* uma experiência que, na verdade, não se tinha concluído e se levou adiante essa tentativa de modernização de modo eclético, ou seja com a presença de contradições de um passado capcioso monitorando os acontecimentos para ver como e quando se conseguiria reverter aquela tendência de se deixar a humanidade ser feliz sem ser submetida a domínios. Então não pode, com propriedade, se dizer que se realmente fundou um mundo moderno, o que se pode dizer é que se tentou, em situação não favorável, fundá-lo.

Diante desses interesses (monárquicos e medievais) que um dia foi chamado de Antigo Regime (*Ancien Regime*), não tinha como a dita modernidade, mais cedo ou mais tarde, não entrar em crise. Pois bem, no parecer do Panamorismo, foi isso que aconteceu e que terminou por determinar que se declarasse o fim da modernidade e o início da pós-modernidade, num determinado momento da história, como citado acima.

Então, a modernidade de fato ainda não aconteceu e o Panamorismo propõe que se perceba que ainda se vive num clima medieval e que, tanto pós-modernos, quanto contemporâneos (no sentido errado do termo), não passam de re-medievalistas, se quisermos dar os nomes corretos aos atores dessa confusão, que infelizmente carece do principal ingrediente para uma boa conclusão filosófica que é o ingrediente do amor, ou melhor dizendo do panamor.

3. Eu sei que um dos principais pensadores que você considera um anti-filósofo que assaltou a filosofia no século XX é Heidegger. Pode falar um pouco sobre isso?

Essa pergunta é uma pergunta bem cheia, ela requer uma grande quantidade de conceitos para ser respondida e eu estou para lançar um ensaio falando sobre isso. A temática que envolve Heidegger carrega no seu bojo um monte de questões complexas, mas que precisam ser enfrentadas de um modo que até hoje os que escreveram sobre elas não enfrentaram totalmente. Quando se lê a tal respeito, se percebe que se deixa para nunca certos aprofundamentos, mas o Panamorismo é uma filosofia das minudências, ele

que ir fundo principalmente naquilo que as outras elaborações vêm com sutilezas e capciosidades sugerindo que se considere elementos menosprezáveis.

Mas vamos falar um pouco desse assunto em geral, o assunto que envolve o significado e a ação do dito pensador chamado Heidegger, na História da Filosofia.

Esse tema tem também a ver com o tema da pós-modernidade. Se trata de um termo que recebe a atenção de muitos autores, que muitas vezes parecem não estar ligados uns aos outros do ponto de vista de pertencimento a uma mesma corrente, mas que, por trás dos bastidores, se nota que eles fazem um trabalho sincrônico na história. De maneira muito coerente mistura-se uma série de autores e se atribui a todos eles a denominação de contemporâneos e facilmente os jovens estudantes desavisados aceitam aquilo como correto já que muitos livros instituem que o correto é aquilo. E a revelação do que está acontecendo iria requerer estudos muito detalhados para se deslindar todos os aspectos envolvidos.

Quando nos debruçamos sobre tal construção mirabolante e rocambolesca com sinceridade intelectual e sem preconceitos pré-estabelecidos, terminamos por perceber que a pesquisa indica que Heidegger foi o grande inaugurador de todo o embrulho que desencadeou o problema que chamamos aqui de a *questão pós-moderna* que rejeita a razão humana usada para a busca da universalização da felicidade entre todos os seres humanos. Trata-se de uma grande misantropia histórica que não toleraria, se toda a humanidade resolvesse, após uma tomada séria de consciência coletiva, determinar-se como capaz de ser bondosa, benéfica para a natureza e criadora de um ambiente otimizado para a existência humana na face da terra, independente de raça, independente de sexo, independente de qualquer tipo de preconceito, voltado para o fim das diferenças sociais e Heidegger sendo o grande inimigo desse ideia de se construir um mundo que seja para todos totalmente foi percebido pelo Panamorismo como o pivô dessa ação reacionária que hoje vê na política mundial sua retomada e até mesmo a ameaça da destruição do que se construiu em nível de civilização benéfica, retroagindo a humanidade para os tempos obscuros do medievalismo. O detalhamento dessa questão em breve apresentarei num livro. Inclusive a temática do desconstrutivismo está intrinsecamente ligada a ele, pois foi ele que a inaugurou em lições dadas em Friburgo e em Marburgo, quando foi professor dentre outros de Hannah Arendt e de Horkheimer.

Heidegger é uma pedra do meio do caminho da filosofia e por isso temos que ir procurando, com sabedoria, entender, sondar quem é este ser, este indivíduo, que é conhecido pelo nome de Heidegger. Então se vai notando que existem muitos dados, muitos indícios, muitas indicações que fazem parecer que ele seja um testa de ferro, da maior de todas as instituições, dominadora da humanidade há séculos, que se atreveu a colocar o complexo de inferioridade na humanidade toda durante, há mais de dois milênios, que não caiu até hoje, que é a Igreja Católica: a religião. Mas ela não é religião enquanto a proposta de bondade entre todos os humanos. Ela é uma instituição decidida a dominar os humanos por todos os séculos e séculos, mesmo que isso representasse controlar a cabeça dos humanos na mais tenra infância, impedindo que eles tivessem facilidade de usar a sua própria inteligência livremente, para que eles, assim convencidos, pela força da repetição a abdicar de terem opinião própria e passassem assim a ser agentes de consenso para esse domínio eterno e unificado que impede que a humanidade seja feliz. Mas o Panamorismo propõe que nos façamos capazes de dialogar uns com os outros todos os seres humanos e todas as gerações dialogando para construir um mundo bom.

Em conclusão: logo, logo, apresentarei vários indícios que mostram que Heidegger, provavelmente, foi um agente disfarçado da igreja católica para socorrê-la no momento em que a humanidade estava querendo se libertar do controle mental e portanto também físico que ela exerce sobre as pessoas, dando um tipo de assessoria que o ajudava a construir aquelas conversas mirabolantes dele, para, visando encher um vazio, antes que esse vazio fosse preenchido por pessoas bem intencionadas para com a humanidade. Por pessoas que não afirmassem que o homem é pecador por natureza, como a religião o faz mal-intencionada, dizendo que o homem não pode se tornar um ser bondoso enquanto estiver vivo. Nisso também o Panamorismo é amoroso para com o ser humano: o ajudando a se livrar dessa crença de que ele essencialmente é mau. Enfim, o Panamorismo é a favor do desenvolvimento da inteligência máxima dos seres humanos, quer que ele se posicione como um ser otimista de uma forma realista; quer também que ele perceba que pode, em grupo e em coletivo, ser capaz de conquistar essa liberdade máxima que um ser humano pode conquistar que é a felicidade na face da terra.

4. Muito obrigada, Lúcio, por mais esse trecho de sua entrevista e eu quero lembrar aos leitores que o Panamorismo está a todo vapor e que, em breve, os seus livros irão detalhar mais e mais o que aqui se está dizendo e que esta entrevista continuará nos próximos números da Revista Cadernos GEPE.

O prazer foi todo meu e agradeço panamorosamente pela oportunidade!